

“Cafe au Lait” na Plaza de la Soledad: cartografias provisórias de migrantes congoleses na Cidade do México

“Cafe au Lait” in Plaza de la Soledad: provisional cartographies of Congolese migrants in Mexico City

*Victor Villarreal Cabello**

No bairro da Merced, entre as delegações Cuauhtémoc e Venustiano Carranza, na Cidade do México, encontra-se a Paróquia da Soledad, que data do século XVII. A igreja também conta com uma Plaza de la Soledad, dividida em duas seções, que, historicamente, tem sido cercada por uma espécie de “liminaridade” (TURNER, 1969; FASSIN, 2010; KHOSRAVI, 2021), ou por espaços designados para a organização do caos. Para dar um exemplo, há um documentário sobre prostituição realizado nos arredores da praça por pessoas idosas (LA PLAZA DE LA SOLEDAD, 2016). De modo geral, La Merced é conhecida por essa e outras práticas, como a venda de entorpecentes e os altos índices de criminalidade. Esse espaço abandonado ao limbo social passou a ser ocupado e desocupado por pessoas migrantes desde 2019. Isso não pode ser considerado uma casualidade do exílio, mas, sim, uma prática sistematizada de arquitetura social.

Desde 2019, muitas pessoas começaram a chegar à igreja porque o México havia passado a desempenhar um papel importante para os Estados Unidos. Alguns autores designam esse papel do México como “país fronteira” (VARELA, 2019, p. 59). Em outras palavras, trata-se da ameaça do governo norte-americano ao governo mexicano com imposições tarifárias, caso não contivesse a migração que atravessava seu território. Ao mesmo tempo, é também uma ação do próprio governo mexicano que utiliza a migração como moeda de troca nas negociações com o vizinho do norte, para ganhar benefícios econômicos e políticos (VILLARREAL CABELLO, 2024).

* Doutorando na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

A Cidade do México, sendo o umbigo do país, não é um muro em si. No entanto, os trâmites a transformaram em uma fronteira administrativa para aqueles que queriam atravessar o país de forma segura, utilizando os vistos de ajuda humanitária como estratégia de mobilidade, mesmo quando não tinham a intenção de permanecer no país. Uma opção era solicitar refúgio formalmente para conseguir documentos que lhes permitissem seguir viagem sem serem detidos ou deportados pelas autoridades mexicanas (RÁDIO WEB MIGRANTES, 2024).

Como em muitas rachaduras, tensões se formaram ao redor e, em 2019, com a chegada de pessoas de diversas partes do mundo, os “albergues” estavam lotados. A presença migrante se intensificou ao longo dos anos em espaços urbanos como a Praça Giordano Bruno, o Bosque de Tláhuac, a delegação de Iztapalapa e, em certos momentos, a própria Plaza de la Soledad. Quando os espaços dentro da igreja se encheram, as pessoas em processo de mobilidade começaram a acampar nas duas áreas da praça. Pouco a pouco, aquelas barracas se transformaram em construções menos improvisadas. Embora feitas de papelão, madeira, telhas e plásticos, algumas “casinhas” tornaram-se espaços com ventilação adaptada, chuveiros, telas e pequenos comércios. Nas minhas andanças, pude ver que se oferecia comida venezuelana, haitiana, cortes de cabelo, hambúrgueres, frango frito, doces, cigarros, álcool, pão e café.

Em 2024, fiquei sabendo da existência desse espaço e passei a frequentá-lo, assiduamente, todos os fins de semana. Primeiro entre outubro e novembro, depois entre fevereiro e abril de 2025. Com o tempo, fui com menos frequência. Durante esse período de trabalho de campo etnográfico, tive muita interação com pessoas oriundas do Congo-Brazzaville, em geral migrantes que falavam francês. Por um lado, queria praticar o idioma. Por outro, foi mais fácil quebrar o gelo com a população africana, porque ao conhecer sua língua, uma conexão quase imediata se estabelecia. Isso nem sempre acontecia com migrantes venezuelanos, guatemaltecos ou hondurenos. Nos primeiros dias, conversei com o padre da igreja, com moradores mexicanos da vizinhança, com migrantes da América Central e do Sul. Embora a recepção tenha sido boa, o que mais me chamava a atenção era a presença dos migrantes africanos. Não apenas pelo contraste corporal, por suas peles negras, seus cabelos crespos e seus corpos mais altos, mas também pelo idioma e porque, em geral, costumavam se reunir em torno de um pequeno ponto improvisado que vendia café pela manhã.

As primeiras conversas em 2024 foram com migrantes haitianos que, aos poucos foram deixando o espaço. Em determinado momento, talvez houvesse cerca de 20 pessoas dessa nacionalidade. É difícil medir quantas pessoas estavam ao redor da praça. Em algumas ocasiões, me atrevo a dizer que chegaram a mil. Em outras, mal passavam de vinte.

As primeiras impressões que eles tinham de mim giravam em torno do fato de eu conseguir manter conversas em francês, o que lhes chamava a atenção. Sempre pedia um café por 10 pesos, o que equivale a mais ou menos cinquenta centavos de dólar. Observei que a maioria das pessoas colocava uma ou duas colheres de café, de açúcar e de leite em pó. Sempre deixava que me servissem o café como quisessem, embora, para ser honesto, eu sempre tenha tomado café forte, preto, sem açúcar nem leite. O ato de comprar café se tornou um ritual semanal. Eu passava horas conversando com migrantes de toda a África. Conheci pessoas do Mali, de Angola, do Congo, da República Democrática do Congo e da Nigéria. Todos tinham chegado pelo Brasil e (FERNANDES, 2023), a partir daí, atravessaram o continente até chegar ao México (MIRANDA, 2023).

Por me deixar levar pelo trabalho de campo etnográfico, tive a oportunidade de aprender sobre política, educação, sociedade e mobilidades africanas em sua passagem pelo México. Alguns me contaram sobre suas experiências com as autoridades migratórias e sobre a dificuldade da situação internacional, não apenas em termos econômicos e salariais, mas também sobre como Donald Trump começou a fechar os poucos caminhos legais que existiam para solicitar asilo nos Estados Unidos. Vivi esses efeitos e acompanhava as notícias migratórias, porque os próprios migrantes estavam sempre atualizados sobre o que acontecia minuto a minuto. Bastava comprar um café e prestar bastante atenção.

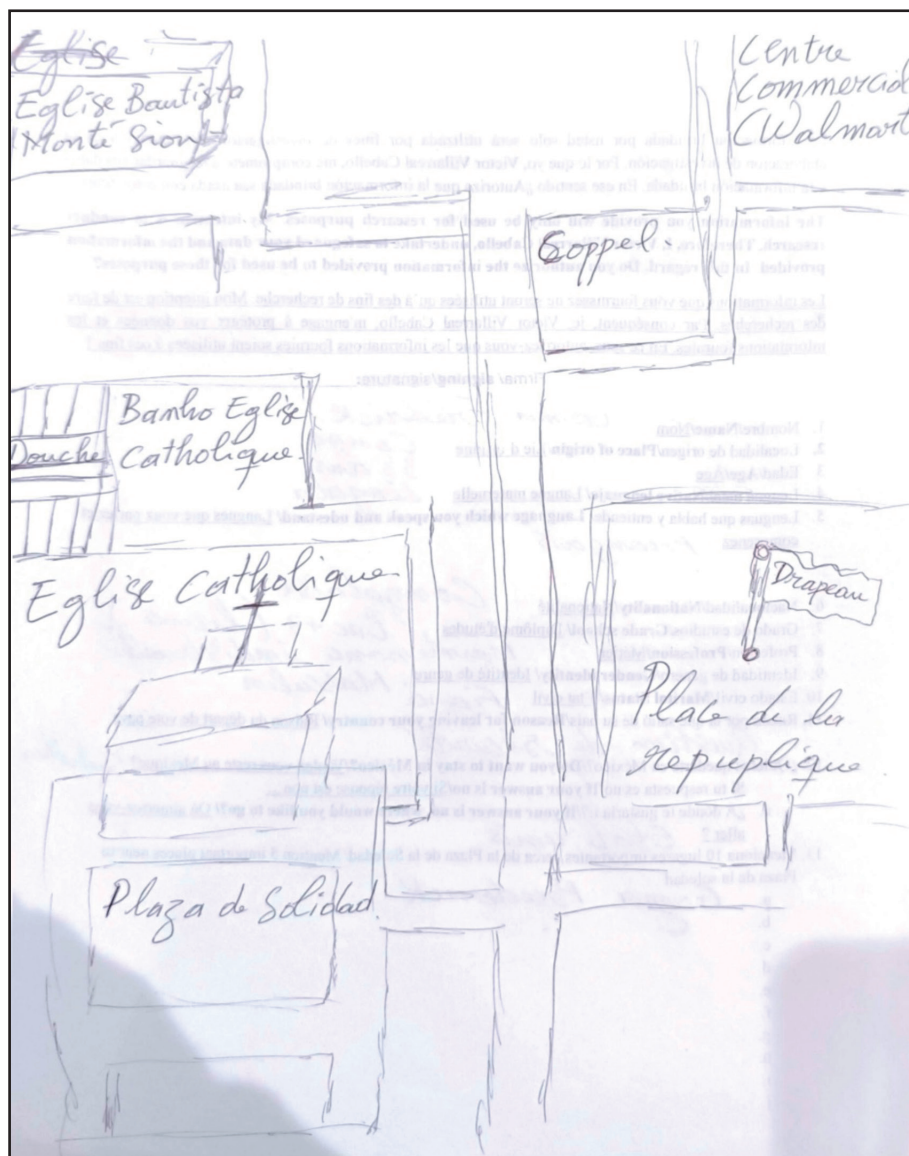
Minha intenção inicial foi tentar mapear espaços importantes na Plaza de la Soledad, para compreender as subjetividades e as necessidades materiais dos migrantes em processo de aprisionamento e de espera. Como muitas notícias e medidas de Donald Trump estavam e continuam sendo implementadas, alguns migrantes passaram mais tempo do que deveriam na referida praça. Em vez de permanecerem por alguns dias ou semanas, tiveram que ficar por meses, e eu queria compreender possíveis necessidades e espaços de oportunidade. Uma estratégia que me pareceu interessante para isso foi a elaboração de cartografias (PRIETO DÍAZ, 2017). No entanto, o idioma, às vezes, impedia a realização de algumas dessas técnicas de coleta. Além disso, havia muita incerteza, pois durante um tempo pensaram que eu fosse jornalista ou policial. Sobretudo, porque muitos estavam cansados de que apenas tirassem fotos e fossem embora, e porque a condição de possível deportabilidade e o retorno forçado eram preocupações constantes para alguns migrantes.

Sempre me apresentei com credenciais de professor e estudante. Além disso, ofereci investigar temas por solicitação deles, e pouco a pouco começaram a pedir ajuda. Algumas dúvidas apresentadas giravam em torno

de: Como solicitar refúgio nos Estados Unidos? Como solicitar refúgio no México? Se eu pedir refúgio no México, posso depois solicitar nos Estados Unidos? Pesquisei e expliquei, da melhor maneira possível, diversos temas que pareciam importantes para eles, sempre acompanhado de um copo de café com leite.

Com o passar do tempo, consegui reunir algumas cartografias com consentimento informado e a modificação de alguns dados, como os nomes. Nunca quis pressionar ninguém e deixei essa possibilidade em aberto para quem quisesse se aproximar. Consegui compreender que as igrejas, os espaços públicos e as empresas transnacionais são de suma importância. As igrejas oferecem comida, alojamento, banheiros e chuveiros, mas também uma força moral para continuar com suas viagens. Os espaços públicos na Cidade do México são importantes porque os migrantes não eram interpelados como migrantes, mas sim como estrangeiros o que lhes permitia, em alguns casos como na Plaza de la Soledad, ocupar os espaços. E as empresas transnacionais permitiam que comprassem alimentos já conhecidos, além de receberem ou enviarem remessas.

Figura 1 - Cartografia elaborada por Gomma, migrante congolês de 33 anos



Fonte: arquivo pessoal.

Um dia cheguei e alguém já havia colocado uma pequena placa com o nome “Café au lait”. O espaço estava situado entre várias construções improvisadas que, por ora, chamarei de “casinhas”. Uso essa categoria analítica porque foi a mesma utilizada tanto por migrantes quanto por

moradores locais. Li por aí textos sobre “instalações espaciais” (MIRANDA et al., 2024), “estâncias transitórias” (PÉREZ NARVÁEZ, 2023) e até mesmo bibliografia sobre guetos (WACQUANT, 2008). Mas, até o momento nenhuma dessas abordagens me convenceu completamente diante do que observei em campo. Na primeira vez que perguntei pela praça, um senhor de uma loja em frente a uma estação do metrô me disse: “ali onde você vê aquela cúpula” (referia-se à cúpula da Igreja da Soledad), “ali estão as casinhas dos migrantes”. Também as pessoas que trabalhavam nos comércios ao redor chamavam de casinhas, e até mesmo migrantes africanos se referiam às suas moradias dessa forma.

Essas casinhas formavam pequenos corredores. Em um deles se encontrava o Café au lait, com algumas cadeiras de madeira e plástico, uma mesa de madeira e alguns sofás. Ali se reuniam pessoas em processo de mobilidade para conversar. A maioria era de origem africana ou haitiana. Às vezes se aproximavam migrantes hondurenhos, venezuelanos ou colombianos e, mesmo que o idioma fosse uma barreira em alguns momentos, o ambiente era tranquilo e fraterno. Pela manhã, alguém chegava com um fogareiro e, em uma caixa térmica, colocava a água para ferver.

Figura 2 - Fotografia de letreiro “Cafe au lait” en la Plaza de la Soledad



Fonte: arquivo pessoal.

Com o passar dos meses, aqueles que se reuniam ao redor do *Café au lait* me ensinaram algumas palavras em lingala. Copo: *copo*. Dança: *kobina*. Para cumprimentar: *mbote ozama lama*. Também tive algumas despedidas que me doeram profundamente, mas, ao mesmo tempo, me reconfortavam, pois alguns conseguiam seguir caminho enquanto ainda podiam.

Fui questionado: “Quem é você? O que você quer estudar? Por que quer ver a miséria?” Pesquisei para eles sobre trâmites de refúgio e sistemas de contenção. Tomamos café da manhã juntos. Compartilhamos músicas de Fally Ipupa e Héritier Wata. Observei o assédio da mídia estadunidense, francesa e japonesa. Fui testemunha de como ordens religiosas buscavam fiéis, oferecendo cafés da manhã após as missas, e de como algumas feiras ofereciam empregos precários, levando vans para contratá-los e levá-los ao trabalho.

O mais difícil de observar foi quando o governo mexicano e “os vizinhos organizados” (VILLARREAL CABELLO, 2025) os removeram violentamente da Plaza de la Soledad e os deslocaram para a Estátua do Cavalo, em frente ao Congresso da União. Depois, devolveram-nos à Plaza de la Soledad e, em seguida, os expulsaram novamente para a Estátua do Cavalo. A distância do deslocamento não passava de três ou quatro quadras, mas o problema era que, a cada novo local, os migrantes tinham que reconstruir suas casas, pois as autoridades e os vizinhos as desmontavam e jogavam fora como entulho.

Deixei de visitar a praça no segundo deslocamento. A partir daí, fui cada vez menos, por causa da presença e da visibilidade de grupos criminosos que se incomodavam com o fato de um universitário estar ali pesquisando. Apesar de eu sempre deixar claro que meu interesse estava na situação migratória, isso não foi suficiente. Recebi dois avisos e precisei parar de frequentar a Praça.

Eu não gostava de café com leite, até conhecer o que era preparado por migrantes congolese e haitiano no bairro da Merced, na Cidade do México. Como todo bom purista do café preto, eu costumava tomá-lo sem açúcar e sem leite. Mas fui enganado pelos meus sentidos. Cada vez que tomo café e coloco adoçante e leite, penso naquele pequeno ponto, naquelas conversas em francês e lingala. Isto é uma relação entre a comida e a memória.

O café com leite desapareceu com o primeiro deslocamento forçado promovido pelo governo mexicano e pelos chamados “vizinhos organizados”. Os migrantes africanos deixaram de vender café. Alguns seguiram viagem, outros foram para abrigos. Dispersaram-se. Ali ficou uma questão interessante: esses pequenos empreendimentos e negócios, como a venda de arepas venezuelanas, os barbeiros, os hambúrgueres, as asinhas de frango, a água e as comidas de todo tipo que se comercializavam ao redor. Também o aluguel de serviços como o uso do banheiro e extensões para carregar celulares.

O México desempenha um papel importante na produção de espaços de espera para migrantes, mas também na destruição desses mesmos espaços. Essa destruição causa deslocamento e confusão para as pessoas migrantes, que se veem entre uma sociedade que as persegue em seu processo de mobilidade, uma dissuasão contínua do seu sonho migratório e, ao mesmo tempo, uma possibilidade real de realizá-lo. Entre o sonho americano, o pesadelo mexicano e a realidade mágica latino-americana, as pessoas migrantes levam suas andanças ao limite da tensão.

NOTA

¹Neste texto, o termo “albergue” é utilizado conforme o uso corrente no México, referindo-se a espaços de acolhimento emergencial ou temporário para pessoas migrantes em trânsito. Seu significado difere do uso mais comum no Brasil, onde “albergue” tende a designar hospedagens turísticas juvenis (*hostels*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FASSIN, Didier. **La raison humanitaire**: une histoire morale du temps présent. Paris: Éditions Hautes Études – Seuil, 2010.
- FERNANDES, Caio. Borders of Citizenship and the everyday life of African migrants in the city of São Paulo, southeast of Brazil. **REMHU**: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, São Paulo, v. 31, n. 67, Jan.–Apr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006713>. Acesso em: 5 jul. 2025.
- KHOSRAVI, Shahram. **Waiting**: a project in conversation. Berlin: Hatje Cantz Verlag, 2021.
- LA PLAZA DE LA SOLEDAD. Direção: Maya Goded. México: La Maroma Producciones, 2016. Filme, 82 min.
- MIRANDA, Bruno. Migración africana en situación de espera: nuevo alcance y dimensión de la contención migratoria en México. **Revista Pueblos y Fronteras Digital**, México, v. 18, p. 1–30, ene. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22201/cimsur.18704115e.2023.v18.633>. Acesso em: 5 jul. 2025.
- MIRANDA, Bruno et al. Fugadas del Talibán. Instalaciones espaciales de migrantes de Afganistán en las fronteras de México. In: RIVAS, Alejandro; ÁLVAREZ VELASCO, Soledad; BORGES, Denise et al. (orgs.). **El caleidoscopio de la migración en el Sur y Norte Global**: movilidad, trabajo y vivienda. Argentina: CLACSO, 2024. p. 349–371. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/251636/1/El-caleidoscopio.pdf#page=350>. Acesso em: 5 jul. 2025.

PÉREZ NARVÁEZ, Denayri Judith. **Formas de estancia transitoria de la diáspora haitiana en la ciudad de Tapachula, Chiapas.** (Dissertação de Mestrado) El Colegio de la Frontera Sur, México, 2023.

PRIETO DÍAZ, Sergio. **Cartografías de la subalternidad migratoria:** bestialización, inhumanidad y contrahegemonía en el contexto del Plan Frontera Sur de México. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidad Iberoamericana, Ciudad de México. 2017.

RÁDIO WEB MIGRANTES. O México como etapa no trânsito ao norte, com Julia Ferreira Scavitti e Maria Claudia Paiva. **Podcast Radio Web Migrantes**, São Paulo, episódio único, 28 mar. 2024. Disponível em: <https://radiomigrantes.net/2024/03/28/podcast-o-mexico-como-etapa-no-transito-ao-norte-com-julia-ferreira-scarvitti-e-maria-claudia-paiva/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

TURNER, Victor. **The ritual process:** structure and anti-structure. New Brunswick: Aldine Transaction, 1969.

VARELA, Amarela. México, de “frontera vertical” a país tapón: migrantes, deportados, retornados, desplazados internos y solicitantes de asilo en México. **Iberoforum:** Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 27, p. 49–76, 2019. Disponível em: <https://iberoforum.ibero.mx/index.php/iberoforum/article/view/124>. Acesso em: 4 jul. 2025.

VILLARREAL CABELLO, Victor. **Externalización de políticas migratorias:** caso de Estados Unidos hacia México (2001-2022). 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos em Relações Internacionais), Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.14330/tes01000856807>. Acesso em: 4 jul. 2025.

VILLARREAL CABELLO, Víctor. “Vecinos mexicanos contra albergues y migrantes”. **La Jornada Morelos**, 14 mar. 2025. Disponível em: <https://www.lajornadamorelos.mx/opinion/vecinos-mexicanos-contralbergues-y-migrantes/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

WACQUANT, Loïc. **Urban outcasts:** a comparative sociology of advanced marginality. Cambridge: Polity Press, 2008.

RESUMO

Nessa nota de pesquisa etnográfica, minha intenção inicial foi tentar mapear espaços importantes na Plaza de la Soledad, para compreender as subjetividades e as necessidades materiais dos migrantes em processo de aprisionamento e de espera. Como muitas notícias e medidas de Donald Trump estavam e continuam sendo implementadas, alguns migrantes passaram mais tempo do que deveriam na referida praça. Em vez de permanecerem por alguns dias ou semanas, tiveram que ficar por meses, e eu queria compreender possíveis necessidades e espaços de oportunidade. Uma estratégia que me pareceu interessante para isso foi a elaboração de cartografias (PRIETO DÍAZ, 2017). No entanto, o idioma, às vezes, impedia a realização de algumas dessas técnicas de coleta. Além disso, havia muita incerteza, pois durante um tempo pensaram que eu fosse jornalista ou policial. Sobre tudo, porque muitos estavam cansados de que apenas tirassem fotos e fossem embora, e porque a condição de possível deportabilidade e o retorno forçado eram preocupações constantes para alguns migrantes. Considerando as dificuldades encontradas, optei por descrever situações improvisadas e vivenciadas por migrantes em espaços de espera ao longo de suas travessias em busca de melhores condições de vida e dignidade humana. O espaço de espera observado foi a Plaza de la Soledad, na Cidade do México, onde pude observar e interagir com migrantes latino-americanos, caribenhos e, principalmente, africanos.

Palavras-chave: Migrantes à espera; Africanos; Espaços de espera; Provisoriamente; Violência.

ABSTRACT

In this ethnographic research note, my initial intention was to map important spaces in the Plaza de la Soledad to understand the subjectivities and material needs of migrants in the process of being trapped and waiting. As many news items and measures of Donald Trump were and continue to be implemented, some migrants spent more time than they should have in the aforementioned square. Instead of staying for a few days or weeks, they had to stay for months, and I wanted to understand possible needs and spaces of opportunity. One strategy that seemed interesting to me for this was the creation of maps (PRIETO DÍAZ, 2017). However, the language barrier sometimes prevented the implementation of some of these data collection techniques. In addition, there was a lot of uncertainty, as for a time people thought I was a journalist or a police officer. Above all, because many were tired of just having their photos taken and then leaving, and because the possibility of deportation and forced return were constant concerns for some migrants. Considering the difficulties encountered, I chose to describe improvised situations experienced by migrants in waiting areas throughout their journeys in search of better living conditions and human dignity. The waiting area observed was Plaza de la Soledad, in Mexico City, where I was able to observe and interact with Latin American, Caribbean, and, mainly, African migrants.

Keywords: Waiting migrants; Africans; Waiting areas; Temporary situation; Violence.